

Gm
7/1/98
41
C-56

Capital estrangeiro volta a predominar na pesquisa mineral

Livia Ferrari
do Rio

Os investimentos em pesquisa mineral no Brasil podem atingir US\$ 200 milhões anuais até o ano 2000. A maior parte, ao redor de 80%, virá de grupos estrangeiros, que voltaram a considerar o País um dos principais lugares para novos projetos.

As projeções são do presidente da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), Carlos Oiti Berbert, que não esconde seu entusiasmo com o desempenho do setor no ano passado. Em 1997, os investimentos em pesquisas atingiram US\$ 120 milhões, levando o Brasil a ocupar o segundo lugar entre os países em desenvolvimento mais atrativos aos investidores externos. Desse valor, 33% foram de capital multinacional. O resultado é fruto da desregulamentação do setor e da emenda constitucional de agosto de 1995 que abriu o subsolo brasileiro ao capital estrangeiro.

Com isso, o Brasil deixou para trás a tímida posição dos últimos anos e que o levou, em 1994, a ter seu nível mais baixo de recursos em pesquisas: US\$ 45 milhões. Ficou zerada, naquele ano, a participação estrangeira.

Pelos cálculos de Berbert, as aplicações em todos empreendimentos de mineração deverão somar R\$ 2,5 bilhões no triênio 96/97/98, envolvendo pesquisa, ampliação de minas e instalações. Esse valor poderá dobrar ao final do ano 2000.

O presidente da CPRM diz que há um movimento de transferência de investimentos em pesquisa mineral dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento. No mundo, somam cerca de US\$ 4,6 bilhões por ano. No início da década de 90, os países ricos aplicavam no Primeiro Mundo US\$ 2,5 bilhões, o equivalente a 60% de tudo que se gastava. Agora, houve inversão de tendência: esse índice destina-se a países emergentes,

com a América Latina à frente. O continente latino-americano está recebendo 34% do dinheiro aplicado no setor, o correspondente a US\$ 1,3 bilhão, com destaques para o Chile, que foi o primeiro país da região a abrir investimentos ao capital estrangeiro, e o Brasil. Segundo Berbert, além de garantir boas condições (estabilidade política e econômica, legislação mineral aberta ao capital estrangeiro etc), a América Latina apresenta enorme variedade geológica. "O Brasil ainda tem mais de 50% de suas áreas quase virgens à mineração", afirma ele, destacando a Amazônia.

É nessa região que a CPRM, empresa pública voltada para serviços geológicos, vem dedicando grande parte de sua atuação ao mapeamento geológico e à prospecção mineral. O objetivo é atrair investimentos privados. Está confirmada forte presença de ouro, metal que mais atrai no mundo o interesse do capital estrangeiro.

O presidente da CPRM diz que o mundo vive hoje um "boom" do setor mineral. Segundo estimativas contidas no Plano Plurianual para Desenvolvimento do Setor Mineral, do Ministério de Minas e Energia, para acompanhar o ritmo de crescimento da economia, o País precisará investir US\$ 35 bilhões até 2010, dos quais US\$ 4 bilhões só em pesquisas.

Berbert crê que esse valor pode ser alcançado, considerando o grande potencial do subsolo brasileiro, que entre 1988 (data da Constituição que retraiu investimento estrangeiro) e 1995 (abertura da mineração ao capital externo) não teve nenhuma grande descoberta, devido à retração de investimentos. Até 1988, a média anual em pesquisa era de US\$ 150 milhões, sendo 41% de capital estrangeiro. A partir de 1988, até 1996, houve uma queda drástica, tornado o Brasil o nono país de maior interesse para investimentos no mundo em mineração. ■